



Director literario:  
*Augusto de Santa-Rita*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:  
*Eduardo de Sá*  
 PAPIM SE



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

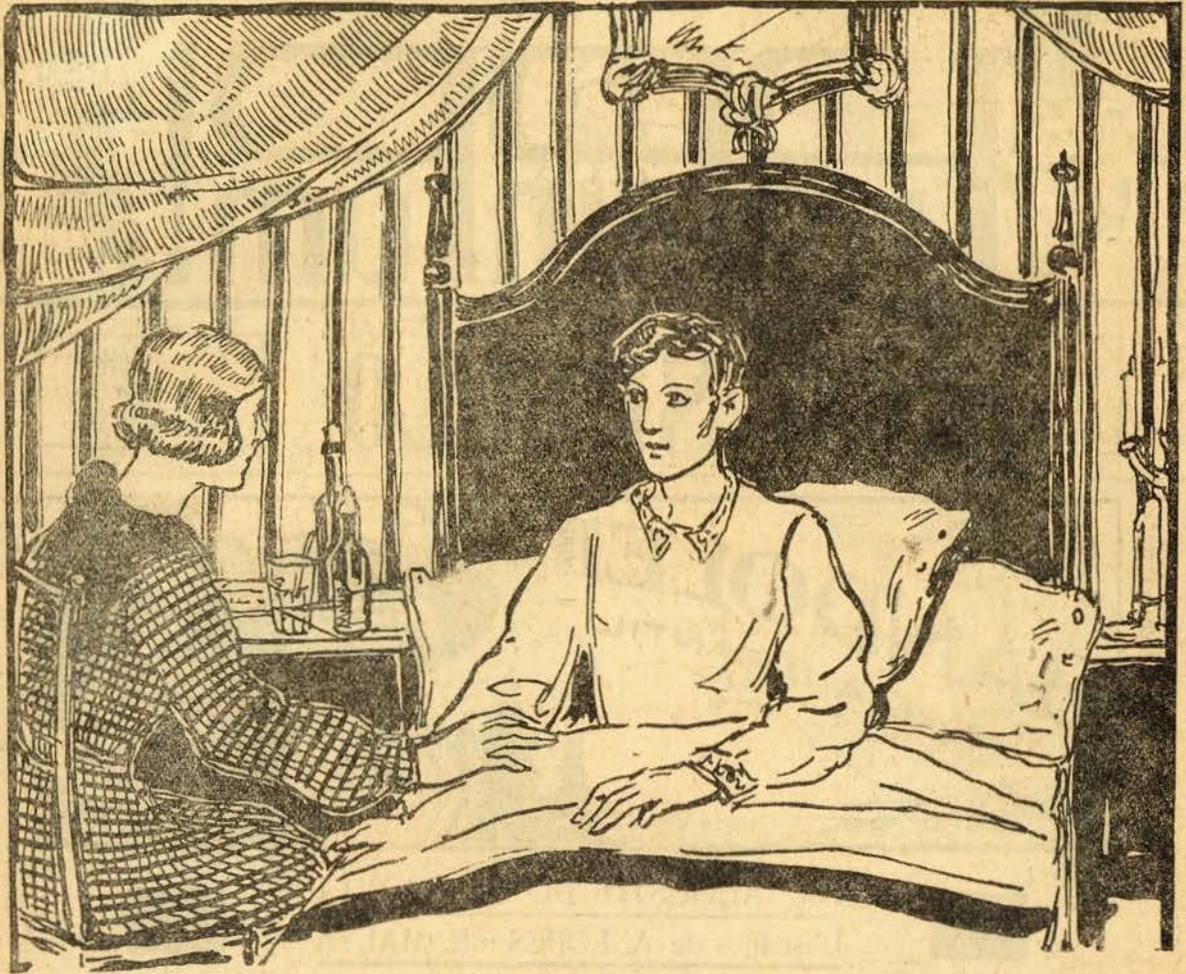
Desenhos de A. LOPES e E. MALTA

(Continuação do número anterior)

Ruminado o plano, — (conduzir Milita para a cabana abandonada da bruxa velha Ti'Benta que «Mata e Esfola» assassinara há já dois meses, sem

que as auctoridades houvessem descoberto o crime.) — o estalajadeiro, esvasiando a terceira caneca e puxando a última cachimbada, foi preparar uma trouxinha de roupa, prender os seus dois pombos pelos pés, encher o pichel de vinho que lhe restava, arrecadar na bolsa o produto das úl-





timas vendas e aguardou o momento asado para a execução da estudadinha vingança.

Entretanto, Atias, já convalescente, ia agora todos os dias à administração do concelho, onde deixava constantes depoimentos, interrogado pelo administrador.

\* \* \*

Ao primeiro canto dos galos, Milita despertou. Uma tênue claridade, através das frinças da janela, anunciava a Aurora. Voltando os olhos, procurou Rapina e, ao notar a sua ausência, ergueu-se do leito, entreabriu a porta, e chamou...

Respondeu-lhe a voz arroucada de «Mata e Esfola» que, subindo logo a escada ao seu encontro, murmurou, com falsa solicitude e extrema hipocrisia:

— «Saiba, Vossa Senhora, que o senhor Rapina, procurado aqui pela policia, teve de fugir mas disse-me para onde ia e encarregou-me de a conduzir até lá. Quere acompanhar-me?»

— «Imediatamente...» respondeu Milita, acreditando na astuciosa mentira do estalajadeiro e atribuindo, a suposta perseguição, ao filho do administrador que era o seu constante pesadelo.

— «Então, digne-se Vossa Senhora acompanhar-me».

Saltando para a velha mula, que à porta da estrebaria os aguardava, puzeram-se a caminho.

Num longínquo ermo, após haverem caminhado mais de uma hora, «Mata e Esfola» fez parar a mula junto de uma cabana abandonada, poisou a pequena trouxa que levava, o pichel e os pombos e, de má catadura, exclamou, fitando Milita que, durante a jornada, não dissera palavra:

— «Agora, amigo Rapina, hás-de pagá-las dobradas!» E, irónicamente, acrescentou: — «Com Mata e Esfola ninguém leva a melhor!»

Depois, dirigindo-se brutalmente a Milita, resmungou, empurrando-a: — «fica para aí, estafermo!» Um momento depois, tirando da trouxa quatro pães e uma garrafa com água, tornou, rudemente, enquanto, empunhando o pichel e esquecendo os pombos, tornava a montar na mula que logo partiu por diverso caminho:

— «Aqui te fica o manjar! Passarás a viver neste palácio que era a choupana da bruxa velha Ti'Benta, até que eu venha buscar-te».

Já mal se lobrigava ao longe o vulto de «Mata e Esfola» cavalgando a mula.

Ao ver-se subitamente tão só e em tal descampado, Milita, compreendendo o lôgro em que caíra, desatou soluçando num choro convulsivo. — «Que fazer tão sósinha?! Nem vivalma passava! In-da agora era manhã, manhã cheia de cor e de luz; mas logo, logo quando tombasse a noite?! Seria

ele, afinal, um salteador como os outros, um bandido também? Mas não; era impossível, — (pensava) — tantas provas lhe dera!... e já, de si para si, pedia perdão a Deus de haver tido tais pensamentos.

Decorrida uma hora, já um pouco mais conformada com a sua situação irremediável, Milita pôs-se a pensar como havia de matar o seu tempo. Vendo perto uma enxada — (por sinal manchada de sangue, o que bastante a intrigou) — e dando com os dois pombinhos que «Mata e Esfola» trouxera consigo, ainda amarrados pelos pés, condoída, lembrou-se de construir, com umas estacas e canas, que perto estavam, uma pequena capoeira. Pegou na enxada e dispôs-se a abrir quatro buracos para firmar as estacas. Qual não foi, porém, o seu espanto, quando ao dar com a enxada mais fundo, um som cavo denunciou a existência de um corpo estranho. Cavou mais fundo ainda, afastou a terra com sinais evidentes de sangue coagulado e, com grande espanto, horrorizada, viu surgir a deformada cabeça duma velha, cujas feições já mal se adivinhavam. Não teve coragem para prosseguir. Aquele cadáver era, certamente, o da velha bruxa Ti'Benta que «Mata e Esfola» assassinara e enterrara ali.

Encaminhando-se para os pobres pombos amarrados e notando que eram pombos correios, teve, súbitamente, uma idéia...

Entanto...

\*  
\* \* \*

No quarto do Dr. Fernando Reis, Rapina, ou melhor António, na prostração que sucedera à

grande comoção porque passara, proibido de falar, com a janela cerrada e Isabel à cabeceira, velando o seu sono agitado pela febre, delirante, falava constantemente em Milita. De chofre, sentou-se na cama e, pegando carinhosamente nas mãos de Isabel, balbuciou como se proferisse uma prece: — «Mãezinha adorada, preciso falar, imediatamente, a meu pai».

— «Mas, querido filho, o teu estado não permite conversas. Guarda para mais tarde o que tens a dizer!...» retorquiu-lhe docemente Isabel. Comtudo, ante a insistência de António, Isabel ergueu-se e, segundos após, pé ante pé, Fernando abeirou-se do leito.

Ao ouvir a extraordinária revelação de seu filho, tudo que se passara desde que Milita fôra assaltada, como a defendera, como a restituira a seus pais, após a sua prisão de que ela o libertara, o rapto que fizera, a fim de a livrar da perseguição do filho do administrador e, enfim, a grande paixão que ela lhe inspirara, acabando por lhe pedir que a fôsse buscar a casa do estalajadeiro, Fernando prometeu-lhe que, dentro de uma hora, estaria de volta com Milita.

Rogando a D. Isabel que justificasse a sua ausência à chegada do médico operador, se chegasse antes dele, Fernando saiu do quarto, armou-se com uma pistola, e, encaminhando-se para o portão da quinta onde se encontrava ainda, amarrado a uma árvore, o cavalo em que viera Rapina, montou-o e partiu a galope.

Um quarto de hora passado, Fernando Reis parava à porta do «Albergue dos Peregrinos».

(Continua no próximo número)

## A CONSTRUÇÃO DE HOJE

(Vide página 6)

A galinha e o galo, apesar de muito amigos, quando chega a hora do almoço, sempre discutem um bocado, sobre qual há-de ser o primeiro a comer.

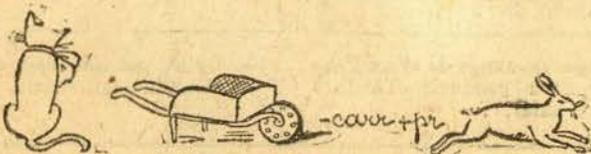
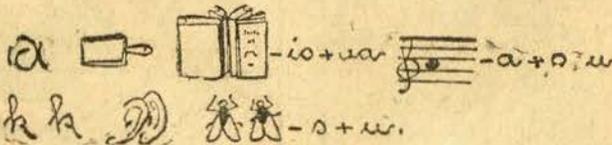
O galo ignora que é um dever de delicadeza deixar servir primeiramente as senhoras, mesmo que sejam...galinhas. A construção representa a discussão ante o prato da comida.

**Maneira de armar**—Cola-se, como de costume, a folha em cartolina ou cartão, abrem-se-lhe os buracos e recortam-se as figuras.

Unem-se êsses buracos pelas respectivas letras, metendo a tira comprida pela fenda que fica um pouco abaixo do galo... e está tudo pronto. O que mais querem?

## ENIGMA PITORESCO

por MORENITA



## CARTA HIEROGLIFICA

Solução do número anterior

Portugal, minha amiga, é um país de fadas que Deus protege.

Não há céu mais azul nem panorama mais cativante que o de Portugal. E' por isso que tu, e tantos estrangeiros, se sentem aqui atraídos.

Portugal não tem, como o teu país, tantas grandezas, no entanto é, assim, simpático na sua modestia.

Muitos beijos da tua amiga

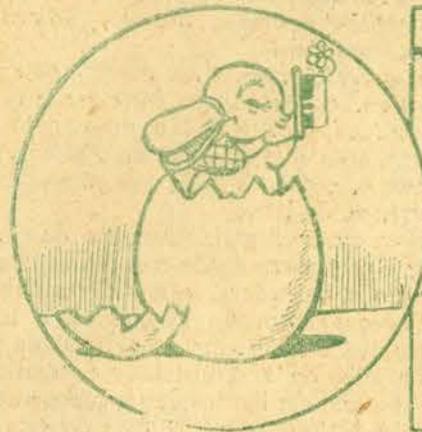
MORENITA

Dedicada aos jovens leitores  
do «Pim Pam Pum»

# TIC-TAC

AVENTURAS DE UM PATO GAIATO

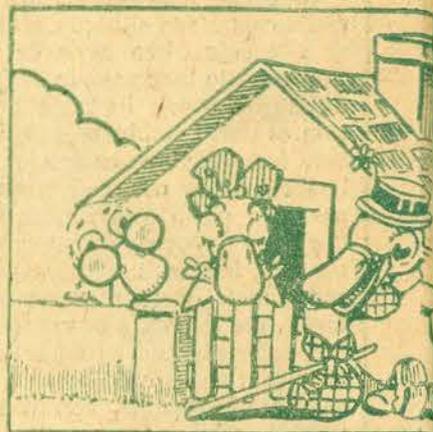
Respectivamente de Santa-Rita  
e Tio-Tónio



1 — «Tic-Tac» saiu da casca, cumprimentou sua mãe Dona Pata-choca.



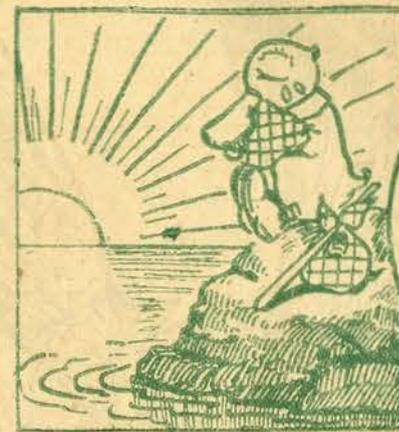
2 — Passado um mês, ansioso de aventuras, foi procurar trabalho;



3 — encontrando a uma pertinha, uma ingénua patinha, pôs-se logo a fazer-lhe o seu «pé de alferes» loucamente apaixonado.



4 — Mas, nisto, surge o papá da patinha, Dom Patão que não admittia vadios na família.



5 — «Tic-Tac» em cima dum penedo, pôe-se a pensar na melhor maneira de fazer fortuna...



6 — e embarca para o Brazil.



7 — Mas, a meio do caminho, é surpreendido por uma horrivel tempestade.



8 — Sabendo nadar, como todo o pato que se presa de ter «patas», dá às ditas e consegue chegar a uma minúscula ilha deserta.



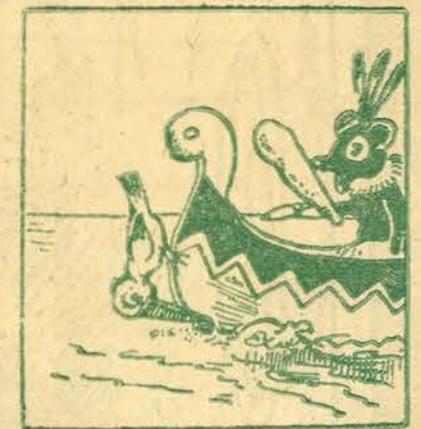
9 — Descobrimdo na ilha uma mina de ouro, pôe-se a explorá-la à luz duma vela.



10 — Cinco anos depois, «Tic-Tac», de grandes barbas, já tinha conseguido uma enorme fortuna!



11 — Subitamente é atacado por selvagens ratazanas que avançam numa piroga.



12 — «Tic-Tac», havendo-se tornado companheiro e amigo de «Pica-Pau», é socorrido por este que avança para a piroga fazendo-lhe um furo,



13 — o que dá lugar a que a piroga se afunde e morram os selvagens.



14 — Uma cegonha, amiga de «Pica-Pau» oferece-se para conduzir «Tic-Tac» ao seu país natal...



15 — Onde, por fim, casa com a filha de Dom Patão, que o recebe de braços abertos, sabendo-o milionário.



16 — E ei-lo, em plena lua de mel, com sua noiva «Cuá-cuá»,



17 — os quais, passados alguns meses, mandaram vir de França um «Tic-Taquezinho» encantador.

Tio Tónio



**Construção**  
para  
**armar**

Vidé página  
Número 3

# Hora de Recreio

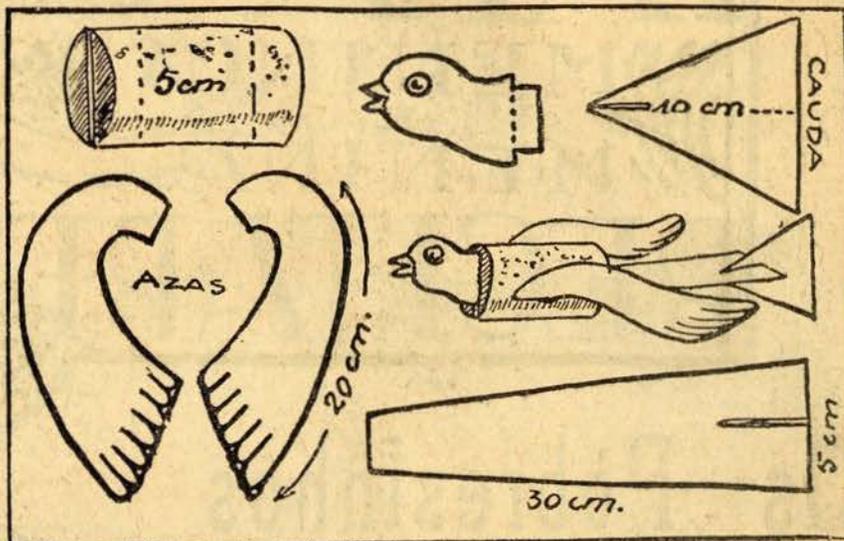
## A POMBA VOADORA

Com a cartolina que sobeja da construção vamos fazer esta engenhoca muito interessante, pois a pomba desliza no ar, sendo atirada com força, dando às azas.

Corta-se uma rôlha com um canivete, pelos pontos que a gravura indica, forrando-se de papel branco para ficar mais bonita.

A cartolina é cortada nas dimensões e feitios indicados.

Sobre a maneira de unir as diversas peças, guiem-se pelo esquema.



## Colaboração infantil

do menino Alberto Osório Pinto  
de Sousa (14 anos)



P  
A  
L  
A  
V  
R  
A  
S

C  
R  
U  
Z  
A  
D  
A  
S



### 1.º lado — HORISONTALMENTE

1 — Animais caseiros; 2 — Orar; 3 — Vogal e verbo alegre; 4 — Ha nas cidades.

### VERTICALMENTE

1 — Consoante; 2 — Faz falta a todos; 3 — Maquinismo que as nossas avós tinham; 4 — Vogal no plural e vogal; 5 — Nome de mulher; 6 — Estás contente.

### 2.º lado — HORISONTALMENTE

1 — Vogal; 2 — Consoante e adverbio de lugar; 3 — interjeição; 4 — Vogal e vogal; 5 — Está na nossa frente; 6 — Verbo ser.

### VERTICALMENTE

1 — Consoante; 2 — Curto de vista; 3 — Consoante e vogal no plural; 4 — Irmão de Abel; 5 — Caminhava.

Morenitas



# Os Pòbresinhos

POR GUERRA JUNQUEIRO

(DE OS SIMPLES)

Pobres de pobres são pòbresinhos,  
Almas sem lares, aves sem ninhos.

Passam em bandos, em alcateias,  
Pelas herdades, pelas aldeias.

E em Novembro, rugem procelas...  
Deus nos acuda, nos livre delas.

Vem por desertos, por estevais,  
Mantas aos ombros, grandes bornais.

Como farrapos, coisas sombrias,  
Tropos levados nas ventanias...

Filhos de Cristo, filhos de Adão,  
Buscam no mundo côdeas de pão!

Ha-os céguinhos, em treva densa,  
De olhos fechados desde nascença.

Ha-os com f'ridas esburacadas,  
Roxas de lírios, gangrenadas.

Uns de voz rouca, grandes bordões,  
Quem sabe lá se serão ladrões!...

Outros humildes, riso magoado,  
Lembram Jesus que ande disfarçado...

Engeitadinhos, rotos, sem pão,  
Tremem maleitas de olhos no chão...

Campos e vinhas!... hortas com flores!...  
Ai, que ditosos os lavradores!

Olha, fumegam tectos e lares...  
Fumo tão lindo!... branco, nos ares!

Batem às portas, erguem-se as mães,  
Choram meninos, ladram os cães...

Resam e cantam, levam a esmola,  
Vinho no bucho, pão na sacola.

Fruta da horta, caldo ou toucinho,  
Dão sempre os pobres a um pòbresinho.

Um que tem chagas, velho, coitado,  
quer ligaduras, ou mel-rosado.

Outro, promessa feita a Maria,  
Deitam-lhe azeite na elmotolia.

Pelos alpendres, pelos currais,  
Dormem deitados como animais.

Em caravanas, em alcateias,  
Vão por herdades, vão por aldeias...

Sabem, cantigas, oraçõesinhas,  
Contos de estrêlas, reis e rainhas...

Choram cantando, penam resando,  
Ai, só a morte sabe até quando!

Mas no outro mundo Deus lhes prepara  
Leito o mais alvo, ceia a mais rara...

Os pés doridos lh'os lavarão  
Santos e santas com devoção!

Para lavá-los, perfumaria  
Em gomil d'ouro, d'ouro a bacia.

E embalsamados, transfigurados,  
Túnicas brancas, como em noivados,

Viverão sempre na eterna luz,  
Pobres hemditos, amen, Jesus!...